

O papel mediador das competências socioemocionais na relação entre personalidade e autoestima

The mediating role of socio-emotional skills in the relationship between personality and self-esteem

DOI:10.34119/bjhrv6n3-010

Recebimento dos originais: 04/04/2023

Aceitação para publicação: 03/05/2023

Rodrigo Rodrigues de Souza

Doutor em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB)

Instituição: Uninassau Brasília

Endereço: St. M-norte, QNM 34, JK Shopping, Taguatinga, Brasília - DF,

CEP: 72145-424

E-mail: prof.phd.rodrigorodrigues@gmail.com

Luiz Carlos Victorino Souza Junior

Doutor em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB)

Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

Endereço: Rua Sérgio Buarque de Holanda, 605, Rio de Janeiro – RJ,

CEP: 22775-031

E-mail: luiz@claveconsultoria.com.br

RESUMO

O presente estudo teve o objetivo de avaliar se as competências socioemocionais atuam como mediadoras na relação entre personalidade e autoestima. Participaram da pesquisa 244 estudantes universitários de diversos cursos de graduação. A maioria foi composta por mulheres (63,5%). A idade do público variou de 18 a 65 anos, com média de 26,2 e ($DP = 8,9$). Foram utilizados como instrumentos de pesquisa uma escala reduzida de personalidade, uma escala de autoestima, uma escala de competências socioemocionais e um questionário de levantamento de dados sociodemográficos. Os resultados obtidos por meio de análise de regressão confirmaram a hipótese 1, de que a personalidade é preditora de autoestima. Os fatores de personalidade, extroversão e conscienciosidade, explicam 28% da variável autoestima. Quanto a hipótese 2, os resultados indicaram que, na presença do fator autogerenciamento, que pertence as competências socioemocionais, a relação entre a conscienciosidade e autoestima decresce em magnitude (o $Beta$ diminui de 0,510 para 0,462) e o poder de explicação da autoestima aumenta (o R^2 passa de 0,260 para 0,288). Conclui-se que, para esta amostra, a personalidade teve um papel significativo na determinação da autoestima e que as competências socioemocionais influenciaram positivamente a relação entre personalidade e autoestima.

Palavras-chave: personalidade, autoestima, competências socioemocionais, universitários.

ABSTRACT

This study aimed to assess whether socio-emotional skills act as mediators in the relationship between personality and self-esteem. 244 university students from different undergraduate courses participated in the survey. Most were women (63.5%). Age ranged from 18 to 65 years, with a mean of 26.2 e ($SD = 8.9$). A reduced personality scale, a self-esteem scale, a socio-emotional skills scale, and a survey of sociodemographic data were used as research

instruments. The results obtained through regression analysis confirmed hypothesis 1, that personality is a predictor of self-esteem. Personality factors, extroversion, and conscientiousness explain 28% of the self-esteem variable. As for hypothesis 2, the results indicated that, in the presence of the self-management factor, which belongs to socio-emotional skills, the relationship between conscientiousness and self-esteem decreases in magnitude (Beta decreases from 0.510 to 0.462) and the explanatory power of self-esteem increases (the R^2 goes from 0.260 to 0.288). It is concluded that, for this sample, personality played a significant role in determining self-esteem and that socio-emotional skills positively influenced the relationship between personality and self-esteem.

Keywords: personality, self-esteem, socio-emotional skills, college students.

1 INTRODUÇÃO

Diversas pesquisas têm apresentado correlações significativas entre personalidade e autoestima, (ROBINS *et al.*, 2001; ERDLE *et al.*, 2009; AMIRAZODI, AMIRAZODI, 2011; SHI *et al.*, 2015; WEIDMANN *et al.*, 2017). Diante das evidências tratadas pelos autores, é pertinente levantar a hipótese de que as características pessoais tendem a influenciar o modo como as pessoas se percebem e se valorizam. A partir deste contexto, este estudo levanta a seguinte problemática: a habilidade de lidar com as próprias emoções e com as emoções dos outros podem influenciar na relação entre como a pessoa se percebe e como se sente com relação a ela mesma? Desta forma, esta pesquisa teve o objetivo de avaliar se as competências socioemocionais atuam como mediadoras na relação entre personalidade e autoestima.

A literatura aponta que os estudos sobre personalidade tiveram início a partir de observações clínicas de grandes autores como Charcot, Freud, Jung e McDougall (FRIEDMAN, SCHUSTACK, 2004). A partir de 1930, o desenvolvimento da análise fatorial como uma técnica estatística e instrumental, contribuiu bastante para o estudo científico da personalidade e o desenvolvimento da abordagem dos traços (PASQUALI, 2003).

Allport foi um dos pioneiros no estudo da personalidade. O autor formulou uma teoria da personalidade baseada na compreensão de traços, que existem em todo indivíduo e determinam ou provocam comportamentos. Os traços seriam predisposições a responder a diferentes estímulos (SCHULTZ, SCHULTZ 2006).

De maneira semelhante, Pervin e John (2004) afirmam que os traços de personalidade podem prever e explicar a conduta de uma pessoa e que esses traços permitem que previsões sejam feitas sobre o comportamento futuro. A partir das noções de traços de personalidade a psicometria começou a instrumentalizar as teorias de personalidade. Friedman e Schustack

(2004), citam o trabalho de Cattell, que a partir de análise fatorial, propôs 16 fatores ou traços básicos de personalidade que poderiam ser mensurados por meio de questionários.

Atualmente existe na literatura um modelo teórico de explicação da personalidade, denominado “Cinco Grandes Fatores de Personalidade”, que tem sido bastante adotado por pesquisadores internacionais e nacionais (DE RAAD, PERUGINI, 2002; MEASELLE, JOHN, ABLOW, COWAN, COWAN, 2005; NUNES, HUTZ, 2007; VASCONCELOS, GOUVEIA, PIMENTEL, PESSOA, 2008). Este modelo é considerado por vários pesquisadores como uma teoria bastante adequada da estrutura da personalidade (PERVIN, JOHN, 2004). Nunes e Hutz (2007) chamam atenção para o acúmulo de evidências da universalidade e aplicabilidade da teoria em diferentes contextos. Devido à relevância que o modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade tem conquistado na literatura científica, este foi o paradigma adotado para o estudo e mensuração da personalidade nesta pesquisa.

Segundo Benet-Martínez e John (1998) o modelo dos cinco grandes fatores apresenta as seguintes facetas e características: a abertura está ligada a franqueza, imaginação, espirituosidade, originalidade e inclinação ao artístico; conscienciosidade está ligada ao controle dos impulsos, objetividade, organização e responsabilidade; extroversão está relacionada ao entusiasmo, sociabilidade e eloquência; amabilidade está relacionada ao altruísmo, confiança e modéstia; por fim, temos o neuroticismo, que pode ser caracterizado como instabilidade emocional.

Por outro lado, a autoestima pode ser definida como uma atitude acerca de si mesmo. Está relacionada com as crenças pessoais sobre as próprias habilidades, as relações sociais e objetivos futuros (HEWIT, 2002). De forma semelhante, Bednar e Peterson (1995) definem a autoestima como um processo valorativo que influencia o indivíduo a eleger suas metas, aceitar a si mesmo e projetar suas expectativas para o futuro. A autoestima, como um processo avaliativo do autoconceito, consiste num conjunto de pensamentos e sentimentos referentes a si mesmo, numa perspectiva positiva (autoaprovação) ou negativa (depreciação), sendo uma representação pessoal dos sentimentos de autovalor (KERNIS, 2005).

A autoestima tem sido bastante associada a identificação dos seus indicadores. Altos escores de autoestima associam-se a humor positivo e a percepção de eficácia em relação a domínio pessoal (BRANDEN, 1994). A baixa autoestima tem sido associada a hipersensibilidade, instabilidade, timidez, falta de autoconfiança, depressão e pessimismo. (ROSENBERG, OWENS, 2001).

Segundo Schmitt e Allik (2005), a autoestima tem sido amplamente investigada no campo da psicologia da personalidade. Outros pesquisados têm visto a autoestima como traço

(HARTER, WHITESELL, 2003). Robins *et al.* (2001) estudaram a relação entre personalidade e autoestima em vários países. Os resultados mostraram que a personalidade explica grande parte da autoestima e que as dimensões conscienciosidade, extroversão e estabilidade emocional, apresentam as maiores correlações positivas com a autoestima. Os autores ainda fizeram um levantamento na literatura sobre outros oito estudos que apresentaram correlações positivas entre personalidade e autoestima. Os resultados deste estudo apontam correlações positivas mais fortes com estabilidade emocional, extroversão e conscienciosidade.

Erdle *et al.* (2009) também realizaram um estudo coletando dados com usuários da internet. Os resultados mostraram que a autoestima se correlacionou significativamente com todos os fatores de uma escala baseada no modelo *Big Five*. As correlações variaram de 0,13 a 0,48.

Amirazodi e Amirazodi (2011) realizaram uma pesquisa com estudantes universitários e constataram que todas as dimensões de personalidade do modelo *Big Five* correlacionaram-se significativamente com a autoestima. As correlações encontradas variaram de 0,35 a 0,50. Análises de regressão demonstraram que os fatores de personalidade explicaram 46% da autoestima.

Shi *et al.* (2015) e Weidmann *et al.* (2017) estudaram o papel mediador da autoestima nas relações das dimensões de personalidades com diferentes variáveis. Nos dois estudos os resultados novamente apresentaram correlações significativas entre a autoestima e todos os fatores de personalidade. As correlações variaram entre 0,16 e 0,46.

A partir destas evidências de correlações existentes entre personalidade e autoestima, este estudo segue sua proposta, apresentando uma terceira variável que será investigada como mediadora da pesquisa, que são as competências socioemocionais.

As competências socioemocionais têm despertado interesse de pesquisadores envolvidos com a temática aprendizagem socioemocional. De acordo com Greenberg *et al.* (2003), o termo “*Social and Emotional Learning*” (SEL) foi cunhado por um instituto denominado *Fetzer Group*, como uma temática preocupada com problemas comportamentais e desempenho acadêmico.

Atualmente, são desenvolvidos em vários países do mundo, programas para desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Um dos programas mais representativos da área surgiu em 1994, na Universidade de Illinois em Chicago. Denominado CASEL (*Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning*), teve o objetivo de promover a pesquisa e a prática da aprendizagem socioemocional.

Hromek e Roffey (2009) apresentam algumas iniciativas de países preocupados com a aprendizagem socioemocional. No Reino Unido, o perfil da aprendizagem social e emocional tem aumentado gradualmente ao longo da última década a ponto de se esperar que todas as escolas, tanto primárias como secundárias, desenvolvam a SEL. Na Austrália, a preocupação é reduzir o *bullying* e aumentar a resiliência estudantil, juntamente com a implementação de valores para as escolas australianas.

Para Lipnevich e Roberts (2012), em países tão diversos como os Estados Unidos, o Reino Unido, a Finlândia, a Coreia, Israel e Cingapura, as competências socioemocionais desempenham um papel central nos currículos nacionais. Este fato, tem sido alimentado por uma nova compreensão de que essas habilidades são fundamentais na economia global.

Berger *et al.* (2014) apresentam um estudo sobre a avaliação de um programa denominado BASE (*Bienestar y Aprendizaje Socioemocional*). O objetivo do estudo foi avaliar alunos do terceiro e quarto ano de escolas particulares localizadas em Santiago, no Chile. Segundo os autores o resultado do programa mostrou um grande impacto na autoestima dos estudantes.

Pode-se notar que em vários países existem uma preocupação em criar estratégias e programas para a promoção da aprendizagem de competências socioemocionais. O objetivo é preparar as pessoas para exigência de uma realidade que demanda de seres humanos, habilidades para a promoção da saúde mental no ambiente profissional, educacional, familiar.

No Brasil, os estudos sobre as competências socioemocionais são bastante recentes. Santos e Primi (2014) elaboraram um dos primeiros instrumentos para mensuração das competências socioemocionais em estudantes, que foi denominado de *Social and Emotional or Non-cognitive Nationwide Assessment* (SENNA). Para a elaboração deste instrumento foi adotado o modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, conhecido como *Big Five*, que mantém estreita relação com o construto “competências socioemocionais”.

Na mesma linha de raciocínio, Santos (2016), também empregou do modelo *Big Five* na elaboração de uma escala para mensuração de competências socioemocionais em crianças e adolescentes voltado a pais/cuidadores.

O modelo teórico norteador do presente trabalho foi baseado na proposta de CASEL (2008). De acordo com esta proposta, as competências socioemocionais abrangem um conjunto de competências, incluindo: o reconhecimento e gerenciamento das nossas emoções; o desenvolvimento de cuidado e preocupação com os outros; o estabelecimento de relações

positivas; tomada de decisões responsáveis e o saber lidar com situações desafiadoras de forma construtiva e ética.

Por outro lado, foi possível verificar pesquisas que demonstram evidências de que as competências socioemocionais também correlacionaram-se significativamente com a autoestima. Tajpreet e Maheshwari (2015) conduziram um estudo com estudantes adolescentes no qual foi verificado que quanto maiores as habilidades socioemocionais, maior a percepção de autoestima. Resultados semelhantes, com estudantes universitários, foram encontrados por Bibi, Saqlain e Mussawar (2016).

A partir desta breve revisão da literatura, podemos constatar alguns fatos que servem de suporte para o estabelecimento de hipóteses de pesquisa. Foram apresentadas evidências de que personalidade se relaciona positivamente com a autoestima. Com relação às competências socioemocionais, foi constatado que o construto tem sido diretamente relacionado ao modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade e também a autoestima. Por fim, existem também evidências científicas de que as habilidades socioemocionais correlacionam-se significativamente com a autoestima.

Esta pesquisa busca identificar quais são as relações significativas existentes entre as variáveis de estudo. A compreensão do problema da pesquisa, poderia ajudar por exemplo, as instituições educacionais a planejarem políticas de educação socioemocionais, a partir do conhecimento dos traços de personalidade de seus alunos com objetivo de melhorar a autoestima dos mesmos. Estratégias semelhantes, também poderiam ser adotadas em programas de desenvolvimento de pessoas no ambiente organizacional. Desta forma, o trabalho levanta as seguintes hipóteses:

- H1: características de personalidade são capazes de predizer a autoestima de estudantes universitários.
- H2: as competências socioemocionais atuam como mediadoras na relação entre personalidade e autoestima.

Nesta perspectiva, baseou-se no modelo apresentado na figura 1.

Figura 1. Representação gráfica do papel mediador das competências socioemocionais na relação entre personalidade e autoestima.



2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 PARTICIPANTES

A amostra foi constituída por 244 estudantes universitários de uma instituição de ensino privada na capital federal do país, matriculados em diferentes cursos e semestres. Essa amostra foi não probabilística e o critério de inclusão dos participantes foi a disponibilidade de cada em contribuir com a pesquisa de forma voluntária. A idade dos participantes em geral variou de 18 a 65 anos, com média de idade de 26,2 anos ($DP=8,9$), sendo a maioria composto por mulheres (63,5%).

2.2 INSTRUMENTOS

Escala de personalidade: construída e validada para a população brasileira, por Passos e Laros (2015). O instrumento apresenta-se como uma versão reduzida, contendo 20 itens. Baseado no modelo *Big Five*, constitui-se de 4 itens para cada fator. Os valores de consistência interna são: extroversão ($\alpha = 0,85$); conscienciosidade ($\alpha = 0,78$); amabilidade ($\alpha = 0,81$); neuroticismo ($\alpha = 0,80$) e abertura ($\alpha = 0,71$).

Escala de autoestima: instrumento revisado a partir da adaptação brasileira da escala de Rosenberg. Esta revisão foi realizada por Hutz e Zanon (2011). A escala apresenta uma estrutura unifatorial. É composta por 10 itens e apresenta uma consistência interna de ($\alpha = 0,90$).

Escala de competências socioemocionais: construída e validada para a população brasileira por Souza e Faiad (2022). O instrumento é composto por 28 itens que fazem a mensuração dos seguintes cinco fatores: consciência social, seis itens, ($\omega = 0,71$); autogerenciamento, com sete itens, ($\omega = 0,70$); tomada de decisão responsável, com cinco itens, ($\omega = 0,60$); autoconsciência, com cinco itens, ($\omega = 0,65$); e habilidades de relacionamento, com quatro itens, ($\omega = 0,59$).

Questionário de dados sociodemográficos: teve o objetivo de coletar informações sobre o sexo, idade, curso e semestre.

2.3 PROCEDIMENTOS

Os dados foram coletados em sala durante o horário de aula. Organizou-se um caderno de pesquisa dividido em três partes: dois termos de consentimento livre e esclarecido; as três escalas de pesquisa e um questionário para coleta de informações pessoais para caracterização da amostra. Os dados foram digitados no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), Versão 22.

Inicialmente foram realizadas análises descritivas exploratórias para identificação das distribuições dos dados, casos omissos, erros de digitação e presença de *outlier* uni variados. A partir destas análises, os erros de digitação foram corrigidos. Algumas variáveis métricas apresentaram dados omissos, mas não excederam a porcentagem de 0,8%. Elas foram inseridas a partir do cálculo das médias.

Apenas 3 casos de *outliers* foram identificados nas análises descritivas das médias dos fatores. Esses casos também foram substituídos pelas médias. Os pressupostos de normalidade, multicolinearidade, linearidade e homocedasticidade foram testados. Nesta análise não foram identificados problemas para as análises multivariadas, de acordo com as orientações de Tabachnick e Fidell (2001).

Para que seja afirmado que uma variável é mediadora, Baron e Kenny (1986) explicitam três condições: o mediador deve ser preditor significativo da variável dependente; a variável independente deve ser um preditor significativo do mediador; e por fim, na presença da variável independente e do mediador, a relação significativa que existia entre a variável independente e a dependente decresce em magnitude.

3 RESULTADOS

3.1 ANÁLISES DESCRITIVAS

Na tabela 1 são apresentadas as frequências, médias e o desvio padrão das variáveis do estudo. É importante destacar que os instrumentos de autoestima e competências socioemocionais foram respondidos em uma escala de 5 pontos, sendo 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente). Já na escala de personalidade foi utilizada uma escala de 6 pontos, (de 1 a 6) que indicava a proximidade com a característica de personalidade percebida pelo participante da pesquisa.

Tabela 1. Estatísticas descritivas dos fatores de personalidade, competências socioemocionais e autoestima.

Variáveis		M	DP
01	Extroversão	3,93	1,33
02	Conscienciosidade	4,84	0,79
03	Amabilidade	4,93	0,81
04	Neuroticismo	3,81	1,16
05	Abertura	4,50	0,78
06	Consciência social	3,90	0,61
07	Autogerenciamento	3,28	0,70
08	Tomada de decisão responsável	4,16	0,58
09	Autoconsciência	4,24	0,56
10	Habilidades de relacionamento	4,27	0,59
11	Autoestima	4,04	0,73

3.2 ANÁLISES DE CORRELAÇÕES

As análises apresentadas na tabela 2 revelam que todas as correlações entre os fatores de personalidade e autoestima são positivas e significativas. Pode-se destacar uma correlação moderada entre autoestima e conscienciosidade ($r = 0,510$), como a maior correlação entre os fatores.

Tabela 2. Correlações entre autoestima e fatores de personalidade.

	Extroversão	Conscienciosidade	Amabilidade	Neuroticismo	Abertura
Pearson	0,305**	0,510**	0,226**	0,185**	0,223**
Sig.	0,000	0,000	0,000	0,002	0,000

**Correlações significativas no nível de 0,01.

3.3 ANÁLISES DE REGRESSÃO E MEDIAÇÃO

Na tabela 3 são apresentados os resultados da regressão entre personalidade e autoestima. Juntos, os fatores de personalidade explicam 28% (R^2) da variável autoestima. Os resultados a seguir evidenciam que os fatores de personalidade: extroversão e conscienciosidade, predizem significativamente, e de forma positiva, a autoestima.

Tabela 3. Regressão linear entre personalidade e autoestima.

Resumo do modelo	R	R ²	R ² ajustado	Sig.
	0,53	0,28	0,27	0,000**
Variáveis	B	Beta	T	Sig.
Extroversão	0,096	0,176	2,798	0,006**
Conscienciosidade	0,426	0,460	6,731	0,000**

** $p < 0,05$

Quanto ao teste de mediação, foram testadas as três condições citadas por Baron e Kenny (1986). A primeira delas afirma que a variável mediadora (Competências Socioemocionais) deve ser preditora da variável dependente (Autoestima), condição essa que foi confirmada pelo seguinte resultado: autogerenciamento ($R^2 = 0,09$, $Beta = 0,303$, $p = 0,000$).

Para a segunda condição é necessário que a variável independente (Personalidade) seja preditora da variável mediadora (Competências Socioemocionais). O teste de regressão indicou que somente o fator conscienciosidade ($R^2 = 0,018$, $Beta = 0,133$; $p = 0,038$) foi preditor do fator autogerenciamento.

Por fim, a terceira condição afirma que, na presença da variável independente e do mediador, a relação significativa que existia entre a variável independente e a dependente, decresce em magnitude. A tabela 4 apresenta o teste de mediação para a variável independente conscienciosidade. Os resultados indicam que, na presença da variável Autogerenciamento, a relação entre a conscienciosidade e autoestima decresce em magnitude (o $Beta$ diminui de 0,510 para 0,462) e o poder de explicação da autoestima aumenta (o R^2 passa de 0,260 para 0,288), ou seja, há relação de mediação. Esses resultados são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 4. Relação entre variável independente (conscienciosidade), a mediadora (autogerenciamento) e a dependente (autoestima).

Variável independente e mediadora	Variável dependente	R^2	$Beta$	$Sig.$
Conscienciosidade		0,26	0,510	0,000**
Conscienciosidade	autoestima	0,26	0,462	0,000**
Autogerenciamento		0,28	0,175	0,002**

** $p < 0,05$

4 DISCUSSÃO

Os resultados confirmaram a Hipótese 1 do estudo que afirma que a personalidade é preditora de autoestima. Os dados apontaram que os fatores extroversão e conscienciosidade explicam 28% da autoestima. Isso significa que, para a amostra deste estudo, quanto mais as pessoas têm características de extroversão como sociabilidade, entusiasmo e características de conscienciosidade, como objetividade e capacidade de organização, mais elas apresentam elevada autoestima, ou seja, mais percebem autovalor. Complementando, é possível verificar que esses mesmos fatores apresentam nesta pesquisa as seguintes correlações positivas significativas com autoestima: extroversão ($r = 0,305$) e conscienciosidade ($r = 0,515$). Robins *et al.* (2001), que estudaram a relação de predição entre essas duas variáveis, encontraram resultados semelhantes. A pesquisa revelou que a personalidade explica 34% da autoestima. Ainda nesta pesquisa foi possível verificar correlações significativas entre autoestima e os seguintes fatores: extroversão ($r = 0,38$) e conscienciosidade ($r = 0,24$).

Outros estudos também encontraram correlações significativas entre os fatores conscienciosidade, extroversão com a autoestima. Erdle *et al.* (2009) pesquisaram usuários da Internet e verificaram as seguintes correlações: extroversão ($r = 0,40$) e conscienciosidade ($r = 0,26$). Amirazodi e Amirazodi (2011) pesquisaram estudantes universitários e constataram as

seguintes correlações: extroversão ($r = 0,35$) e conscienciosidade ($r = 0,46$). Shi *et al.* (2015) pesquisaram estudantes de medicina e encontraram as seguintes correlações: extroversão ($r = 0,19$) e conscienciosidade ($r = 0,30$). Por fim, Weidmann *et al.* (2017) em um estudo com casais heterossexuais, encontraram as seguintes correlações: extroversão ($r = 0,41$) e conscienciosidade ($r = 0,36$).

As correlações significativas entre autoestima e conscienciosidade parecem ser existentes pela correspondência entre as definições desses dois fatores. Bednar e Peterson (1995) definem a autoestima como um processo valorativo que influencia o indivíduo a eleger suas metas e projetar suas expectativas para o futuro. Benet-Martínez e John (1998) relacionam a conscienciosidade com objetividade, organização e responsabilidade. Realizando uma análise destas definições, eleger metas e projetar expectativas, parecem ser características de pessoas objetivas, organizadas e responsáveis.

Por outro lado, as definições de autoestima e extroversão também apresentam conteúdos semelhantes. Hewit (2002) afirma que a autoestima está relacionada com as crenças pessoais sobre as próprias habilidades, incluindo destacadamente, as habilidades sociais. De forma semelhante, Benet-Martínez e John (1998) relacionam a extroversão com duas características semelhantes: sociabilidade e eloquência.

A Hipótese 2 deste estudo também foi confirmada. Afirma que as Competências Socioemocionais atuam como mediadoras na relação entre personalidade e autoestima. Foi verificado que o fator autogerenciamento, pertencente as competências socioemocionais, é mediador significativo na relação personalidade e autoestima. Desta forma, podemos inferir que a relação entre conscienciosidade e autoestima aumenta, quanto mais a pessoas gerenciam de forma eficaz suas emoções.

Goleman (1996) em seu livro *Inteligência Emocional*, que é um tema correlato as Competências Socioemocionais, afirma que o conhecimento e o gerenciamento das próprias emoções é uma habilidade muito importante para o sucesso pessoal. Para o autor, pessoas que se conhecem e que controlam melhor as suas emoções, tendem a tomarem decisões mais acertadas e geralmente são pessoas mais objetivas, características essas que estão diretamente relacionadas ao fator conscienciosidade.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que os resultados encontrados neste estudo revelam a importância do autogerenciamento como uma competência que pode melhorar a relação entre conscienciosidade e autoestima. Espera-se que este estudo possa contribuir com a literatura

científica e aplicada, principalmente como base para planejamento de Políticas de Educação Socioemocional.

Contudo, sugere-se cautela com relação aos resultados encontrados devido ao uso de uma amostra não aleatória, o que limita a generalização deste estudo. Portanto, novas pesquisas poderiam ser realizadas com diferentes amostras, buscando analisar principalmente o papel do fator autogerenciamento e das demais dimensões das Competências Socioemocionais como mediadoras e até mesmo preditoras ou moderadoras, visto que elas são menos pesquisadas e conhecidas, do que os fatores de personalidade.

REFERÊNCIAS

- AMIRAZODI, F.; AMIRAZODI, M. Personality traits, and Self-esteem. *Social and Behavioral Sciences*. 29,713 – 716. 2011.
- BARON, R. M.; KENNY, D. A. The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182. 1986.
- BERGER, C.; MILICIC, N.; ALCALAY, L.; TORRETTI, A. Programa para el Bienestar y Aprendizaje Socioemocional en estudiantes de tercero y cuarto grado: descripción y evaluación de impacto. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 46(3), 169-177. 2014.
- BEDNAR, R.; PETERSON, S. *Self-esteem: paradoxes and innovation in clinical theory and practice*. Washington, D.C.: American Psychological Association. 1995.
- BENET-MARTÍNEZ, V.; JOHN, O. P. Los cinco grandes across cultures and ethnic groups: multitrait-multimethod analyses of the big five in Spain and English. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(3), 729-750. 1998.
- BIBI, S.; SAQLAIN, S.; MUSSAWAR, B. Relationship between emotional intelligence and self-esteem among Pakistani university students. *Journal of Psychology & Psychotherapy*, v. 6, n. 4, p. 1-6. 2016.
- BRANDEN, N. *The six pillars of self-esteem*. New York: Bantam Books. 1994.
- COLLABORATIVE FOR ACADEMIC, SOCIAL, AND EMOTIONAL LEARNING [CASEL]. *SEL assessment, tools, needs, and outcome assessments*. Chicago, Illinois: Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning. 2008.
- DE RAAD, B.; PERUGINI, M. *Big five assessment*. Göttingen: Hogrefe & Huber Publishers. 2002.
- ERDLE, S.; GOSLING, S. D.; POTTER, J. Does self-esteem account for the higher-order factors of the Big Five? *Journal of Research in Personality* 43, 921–922. 2009.
- FRIEDMAN, H. S.; SCHUSTACK, M. W. *Teorias da personalidade. Da teoria clássica à pesquisa moderna (2 a ed.)*. São Paulo: Prentice Hall. 2004.
- GOLEMAN, D. *Inteligência emocional*. (M. Santarrita, Trad.) Rio de Janeiro: Objetiva. 1996.
- GREENBERG, M. T.; WEISSBERG, R. P.; O'BRIEN, M. U.; ZINS, J. E.; FREDERICKS, L.; RESNIK, H.; ELIAS, M. J. Enhancing school-based prevention and youth development through coordinated social, emotional, and academic learning. *American Psychologist*, v. 58, n. 6-7, p. 466. 2003.
- HARTER, S.; WHITESELL, N. R. Beyond the debate: why some adolescents report stable self-worth over time and situation, whereas others report changes in self-worth. *Journal Personality*, 71, 1027-1058. 2003.

HEWIT, J. P. The social construction of self-esteem. En SNYDER, S. J.; LOPEZ, S. J. (Eds.), Handbook of positive psychology (pp. 135-147). New York: Oxford University Press. 2002.

HROMEK, R.; ROFFEY, S. Promoting Social and Emotional Learning With Games “It’s Fun and We Learn Things”. Simulation & Gaming, v. 40, n. 5, p. 626-644. 2009.

KERNIS, M. H. Measuring self-esteem in context: The importance of stability of self-esteem in psychological functioning. Journal of Personality, 73(6), 1569-1605. 2005.

LIPNEVICH, A. A.; ROBERTS, R. D. Noncognitive skills in education: Emerging research and applications in a variety of international contexts. Journal of Psychology and Education, 2(2), 173-177. 2012.

MEASELLE, J. R.; JOHN, O. P.; ABLOW, J. C.; COWAN, P. A.; COWAN, C. P. Can children provide coherent, stable, and valid self-reports on the big five dimensions? A longitudinal study from ages 5 to 7. Journal of Personality and Social Psychology, 89(1), 90-106. 2005.

NUNES, C. H. S. S.; HUTZ, C. S. Construção e validação da escala fatorial de socialização no modelo dos cinco grandes fatores de personalidade. Psicologia: Reflexão e Crítica, 20(1), 20-25. 2007.

PASQUALI, L. Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação. Petrópolis: Editora Vozes. 2003.

PASSOS, M. F. D.; LAROS, J. A. Construção de uma escala reduzida de Cinco Grandes Fatores de personalidade. Avaliação Psicológica, 14(1), 115-123. 2015.

PERVIN, L. A.; JOHN, O. P. Personalidade: teoria e pesquisa (8a ed.). Porto Alegre: Artmed Editora. 2004.

ROBINS, R. W.; TRACY, J. L.; TRZESNIEWSKI, K.; POTTER, J. Personality correlates of self-esteem. Journal of Research in Personality, 35, 463-482. 2001.

ROSENBERG, M.; OWENS, T. J. Low self-esteem people: A collective portrait. En T. J. Owens, S. Stryker & N. Goodman (Eds.), Extending self-esteem theory and research: Sociological and psychological currents (pp. 400- 436). New York, NY: Cambridge University Press. 2001.

SANTOS, M. V. Construção de escala de indicadores socioemocionais em crianças e adolescentes. Dissertação (Mestrado em Psicologia como Profissão e Ciência) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 2016.

SANTOS, D.; PRIMI R. Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar: Uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas. Educação para o Século XXI. Retirado de <http://educacaosec21.org.br/wpcontent/uploads/2013/07/RioReportAv13.pdf> . 2014.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. Teorias da personalidade. São Paulo: Thompson Learning Edições. 2006.

SCHMITT, D.; ALLIK, J. Simultaneous administration of the Rosenberg Self-Esteem Scale in 53 nations: exploring the universal and culture-specific features of global self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 623- 642. 2005.

SHI, M.; LIU, L.; YANG, Y.; WANG, L. The mediating role of self-esteem in the relationship between big five personality traits and depressive symptoms among Chinese undergraduate medical students. *Personality and Individual Differences*. 83. 55–59. 2015.

SOUZA, R. R.; FAIAD, C. Construção, evidências de validade e normatização de uma escala de competências socioemocionais. *Revista Subjetividad y Procesos Cognitivos*. ISSN electrónico: 1852-7310 Vol. 26, Nro. 2. 2022.

TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S. *Using multivariate statistics* (4th ed.). Needham Heights, MA: Allyn & Bacon. 2001.

TAJPREET, K.; MAHESHWARI, S. K. Relationship of emotional intelligence with self-esteem among adolescents. *Indian J Psy Nsg*. 2015

VASCONCELOS, T. C.; GOUVEIA, V. V.; PIMENTEL, C. E.; PESSOA, V. S. Condutas desviantes e traços de personalidade: testagem de um modelo causal. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 55-65. 2008.

WEIDMANN, R.; LEDERMANN, T.; GROB, A. Big Five traits, and relationship satisfaction: The mediating role of self-esteem. *Journal of Research in Personality*. 69, 102–109. 2017.